Crise do futebol brasileiro

Como o amadorismo e a incompetência dos dirigentes brasileiros estão enfraquecendo o país do futebol e o interesse dos torcedores

GOOGLE

AUGUSTO DECKER E YASMIN TORRES

Oito de julho de dois mil e quatorze. Ao ouvir apenas essa data, poucos vão saber de memória o que aconteceu nesse dia. Mas ao ler "7 x 1", esses três caracteres que ficarão para sempre na história do futebol brasileiro e na memória dos que viram aquela partida, todos sabem imediatamente do que se trata. Não precisa falar que foi Brasil x Alemanha, na Copa do Mundo de 2014, em pleno país do futebol (se é que ainda temos esse título). O 7 x 1 já basta. Depois da tragédia, teorias de todos os tipos surgiram para tentar explicar o que aconteceu. O país só refletiu honestamente sobre todos os seus problemas depois que sofreu um vexame inesquecível.

Poucos perceberam de início que para explicar o fracasso era preciso virar o olhar para outra direção. A seleção brasileira, por mais importante e prestigiosa que seja, não passa da ponta do iceberg. O que a sustenta de verdade são os clubes. São eles que formam os jogadores, mostram a verdadeira situação deste esporte no Brasil e que despertam o interesse do torcedor pelo futebol.

O problema nos clubes brasileiros começa por cima. Em geral, os presidentes e diretores de clubes de futebol no Brasil deixam a desejar no quesito profissionalismo. É o que diz Luiz Leo, professor de Marketing Esportivo da PUC-Rio.

– Os dirigentes no Brasil ainda são colaboradores que têm afinidade sentimental com aquela agremiação e dedicam a ela um tempo do seu dia útil. Normalmente é um tempo mais parcial. Ele tem uma atividade profissional e parcialmente se divide com uma outra atividade, que é colaborativa.

É possível observar esse padrão em várias equi-

pes brasileiras. Hoje, o Fluminense tem como presidente um advogado que também é sócio de um escritório de advocacia. Em outro estado, o Cruzeiro teve Zezé Perrella como presidente por quatro mandatos. Durante parte deles, Perrella esteve envolvido na política, atuando como deputado estadual e federal. Além disso, há suspeitas de corrupção na diretoria de equipes. O ex-presidente do Botafogo Maurício Assumpção, por exemplo, foi acusado pelo próprio Conselho Diretor do clube de ter cometido improbidade administrativa, empréstimo sem destino definido e favorecimento a conhecidos.

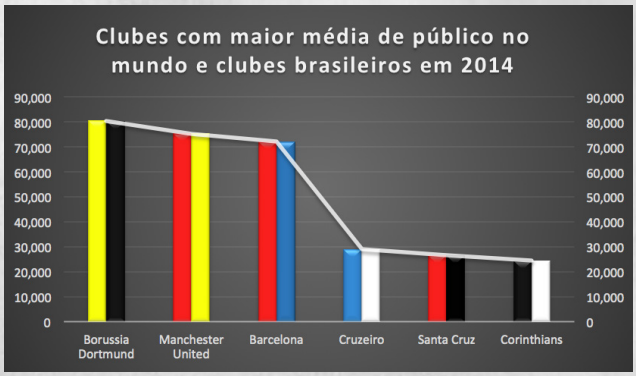
É interessante observar como as tentativas de quadros diferentes na administração dos clubes deram errado no passado. Luiz Gonzaga Belluzzo, um renomado economista brasileiro, foi eleito presidente do Palmeiras em 2009, e sofreu duras críticas no fim do seu mandato, pois o clube estava com dívidas na casa dos R$ 200 milhões e não tinha conquistado qualquer campeonato. Algo parecido aconteceu com Abílio Diniz, empresário brasileiro que tentou oferecer ajuda ao São Paulo, seu time de coração. No fim, não obteve resultados satisfatórios e acabou, também, saindo do clube.

Torcedores em fuga

Os torcedores que veem seus clubes mal administrados podem estar perdendo a vontade de ver os seus times. No levantamento da Pluri Consultoria, empresa de análise de gestão e marketing esportivo, realizado em 2014, o clube brasileiro com a maior média de torcedores nos estádios é o Cruzeiro, com cerca de 28 mil pessoas por jogo. Ele é só o 70º no ranking mundial, liderado pelo Borussia Dortmund, da Alemanha. Os únicos outros brasileiros no Top 100 são Santa Cruz, em 89º, com 26 mil por jogo e o Corinthians, em 103º, com 24 mil.

O quadro fica ainda pior quando se olha para a população dos países. As três nações com mais público nas arenas no mundo segundo o estudo são Alemanha, Espanha e Inglaterra. O Brasil tem uma população maior do que esses três países somados. Ou seja, há público, porém ele não está motivado o suficiente.

A estratégia que os clubes estão tentando implantar é a do sócio-torcedor. Alguns estão tendo sucesso, como o Internacional, que tem 140 mil



Levantamento realizado pela Pluri Consultoria em 2014 considerando somente os Campeonatos Nacionais, comparando-se a última temporada completa em cada um dos países analisados

filiados, o Palmeiras, com 127.441 adesões, e o Corinthians, com 107.354 inscritos no programa, segundo o portal Terra. Entretanto, parece que quem se associa o faz por uma paixão ao time do coração e não por vontade de ir aos estádios, já que a média de público não é alta.

Campeonatos como os Estaduais contribuem para isso. O Carioca, por exemplo, dura três meses, um tempo valioso que, se fosse usado para as outras competições, poderia deixar o calendário brasileiro muito menos desgastante para os atletas e poderia, como resultado, melhorar o nível do jogo dentro de campo. Além disso, os jogos geralmente são pouco disputados e não despertam um mínimo interesse do torcedor. Um jogo que simboliza a indiferença do público em relação a essa competição foi Botafogo x Rezende, no Estádio Nilton Santos, válido pela décima rodada da Taça Guanabara. O jogo teve um público pagante de 4.922 pessoas. A renda bruta foi de 89.460. Isso equivale a cerca de um terço do salário mensal do maior craque do time, o goleiro Jefferson. Se pensarmos que, além dele, também é preciso pagar todos os outros jogadores, comissão técnica, além dos custos com infraestrutura com os quais todos os clubes precisam arcar, conclui-se facilmente que o público nos estádios não ajuda, como poderia, nas contas das equipes.

Ao olhar para a renda líquida da partida, então, a situação piora. Ao incluir os custos de se jogar no Engenhão, como segurança e eletricidade, a partida deu um prejuízo de quase R$ 60 mil. Ou seja, ambos os times perderam dinheiro ao jogarem.

É claro que, se os torcedores mais assíduos, que vão aos estádios, não se interessam tanto pelos

Fonte: globoesporte.com

Relações entre Folha de Pagamentos do Futebol e Receitas

Clube	Receita total	Folha de Pagamento do Futebol	Relação Folha/Receita Total	Receita Operacional do Futebol	Relação Folha/Receita Operacional	Custo Mensal Folha
Flamengo	347,0	125,3	36,1%	271,4	46,2%	10,4
Corinthians	258,2	127,8	49,5%	188,6	67,8%	10,7
São Paulo	253,4	138,9	54,8%	182,4	76,2%	11,6
Palmeiras	244,1	90,7	37,2%	141,4	64,1%	7,6
Cruzeiro	223,2	140,7	63,0%	173,9	80,9%	11,7
Grêmio	191,2	72,1	37,7%	152,9	47,2%	6,0
Internacional	205,1	136,3	64,2%	166,7	81,8%	11,4
Atlético MG	178,9	105,9	59,2%	143,5	73,8%	8,8
Santos	169,9	69,5	40,9%	89,4	77,7%	5,8
Fluminense	122,3	58,1	47,5%	88,9	65,3%	4,8

Quadro mostra a importância das cotas de televisão para o balanço financeiro dos clubes

seus próprios times, a apatia aumenta ainda mais entre os casuais, aqueles que não são tão fanáticos. Consequentemente, a audiência do futebol na televisão também cai. O Corinthians, time que mais ganha dinheiro com direitos de transmissão no Brasil, perdeu 26% da audiência das suas partidas transmitidas na TV Globo nos últimos quatro anos – de 23,8 pontos para 17,5. Palmeiras, Santos e São Paulo também perderam cerca de 20% cada um.

Essa tendência não é apenas em um ou outro Estado: o Campeonato Brasileiro perdeu 23% da sua audiência e a Copa do Brasil, 32%. Esses números fazem a Globo repensar a sua grade e começar a levar em consideração a ideia de diminuir o número de jogos transmitidos, segundo publicação do jornal Folha de S. Paulo. Até mesmo Bruno Dieguez, especialista em televisão e CEO da Orgânica Produções, que acredita que o futebol na televisão não está em crise, vê a possibilidade de uma redução no pagamento da TV. Ele acredita que a queda de audiência do futebol é tendência em todos os programas de televisão aberta.

– Essa queda pode levar a uma queda de arrecadação de publicidade da Globo com o futebol e, consequentemente, fazê-la pagar menos às equipes.

E a receita das emissoras de TV, essa sim, é uma das maiores fontes de renda do futebol brasileiro. Para se ter uma ideia da importância desse dinheiro: o Flamengo fechou o ano de 2014 com um superávit de R$ 64 milhões. Nessa mesma temporada, o clube recebeu R$ 110 milhões de televisão. Este número inclui também televisão por assinatura e *pay-per-view*, mas ele dá uma ideia do quão crucial é a renda da televisão para que os clubes consigam fechar as contas. A dependência é tanta que vários clubes antecipam as receitas televisivas de anos futuros para poder fechar no azul a curto prazo.

Crise de gestão financeira

Essa atitude evidencia um dos maiores problemas dos clubes brasileiros hoje em dia: a dificuldade de ter uma boa gestão financeira. Segundo projeções do Itaú BBA para 2015, dos 12 grandes clubes brasileiros, cinco terão prejuízo nos gastos deste ano – Vasco, Botafogo, Atlético Mineiro, Palmeiras e Corinthians. O déficit do Corinthians chega a R$ 24 milhões. Se levarmos em conta as dívidas totais das equipes, acumulada ao longo dos anos, essa situação é ainda pior. O Botafogo, time mais endividado do país, devia R$ 845,5 milhões até o fim do ano passado. Logo depois, vêm Flamengo, Vasco, Atlético-MG e Fluminense.

Todos os quatro grandes clubes cariocas estão entre os cinco com mais dívidas no Brasil. E desses cinco, apenas o Flamengo conseguiu reduzir a dívida de 2013 para 2014 – todas as outras continuam crescendo. Os vencimentos não pagos são um obstáculo grande para o desenvolvimento do clube.

– Aqui no Brasil o modelo é de delegar a dívida do seu mandato a uma gestão futura, então sempre se está acumulando. E o indivíduo não paga, esse é o problema. Então os clubes como o Flamengo devem 400 milhões de reais de passado, e faturam 200. Desses 200 ele tem que reservar 20% para pagar dívidas do passado – afirma Luis Leo.

Fica claro que os clubes se colocaram num círculo vicioso difícil de sair: as dívidas passadas comprometem os investimentos futuros, portanto os times não podem gastar como deveriam em infraestrutura e outros investimentos, como as categorias de base.

Luiz Leo afirma também que a maioria dos clubes brasileiros desperdiça outra fonte de renda,

Reprodução

Loja Oficial do Real Madrid no Estádio Santiago Bernabéu

Arquivo Pessoal

Carlos Simon apitou as Copas do Mundo de 2002, 2006 e 2010

uma que talvez seja o seu maior patrimônio: a marca.

– Se você frequenta qualquer organização esportiva mais bem estruturada na América do Norte ou na Europa, uma loja do Real Madrid, por exemplo, tem um mundo de coisas. Aqui você não tem um clube com loja própria.

Quem acaba lucrando com a venda de produtos periféricos – aqueles que não fazem parte da competição esportiva, mas podem ser vendidos com a marca do clube, como canecas, caneta, entre outros acessórios – são os vendedores piratas. Há todo um negócio em torno da venda desses produtos, e nem um centavo vai para a conta dos clubes.

Exportando atletas como se fossem *commodities*

O resultado de todas as chances perdidas de arrecadação de dinheiro é a necessidade de vender atletas promissores quando ainda estão jovens. Isso não acontece só agora. Em meados dos anos 1990, o Brasil já era considerado um exportador de atletas em potencial. Depois que a Lei Pelé foi aprovada, em 1998, os jogadores passaram a não ser mais considerados propriedades dos clubes. Eles têm várias motivações para sair do país: busca de reconhecimento, contratos tentadores, desejo de independência financeira, maior visibilidade, menor concorrência e, principalmente, o alto salário pago pelos clubes estrangeiros.

O argumento de que o Brasil não produz mais jogadores tem pouca consistência. Basta olharmos para as estatísticas. O Campeonato Alemão, conhecido por Bundesliga, conta com o talento de 16 atletas brasileiros em 18 equipes. O lateral Rafinha, de 30 anos, revelado pelo Coritiba, completou 10 anos jogando pela Bundesliga. Passou pelo Shalke 04 e hoje defende o Bayern de Munique. O Chelsea, do famoso Campeonato Inglês, tem três brasileiros só na equipe titular. A fase de grupos da UEFA Champions League, campeonato mais disputado da Europa, terá 56 brasileiros. Mas a maioria dos torcedores do país não vê esses jogadores por muito tempo, muitas vezes nem os conhece. Isso porque eles saem do país depois de passar pouco tempo na equipe profissional ou até enquanto ainda jogam na base dos seus clubes.

O árbitro Carlos Eugênio Simon, que apitou três Copas do Mundo, acompanhou de perto a saída de seu filho para o futebol estrangeiro. Para ele, os clubes brasileiros além de não investirem nas categorias de base, não investem na educação e no futuro do atleta. Ramiro Simon, filho do árbitro, foi fazer intercâmbio para estudar inglês no Canadá. Apaixonado por futebol, Ramiro fez um teste e foi aceito no Montreal Impact, clube canadense que aceitou pagar uma bolsa de estudos para que o menino treinasse no time. Segundo Ramiro, o estímulo ao estudo que recebeu foi fundamental para não voltar ao Brasil e para seguir carreira no exterior. Mesmo com o contrato acabando em dezembro de 2015, o jovem lateral quer rodar pelo mundo antes de retornar ao país em que nasceu.

Há vários Ramiros pelo Brasil e cada vez mais pelo mundo. Cabe aos clubes brasileiros melhorar sua gestão administrativa para, daqui para frente, conseguir mantê-los por aqui.